

O PRIMEIRO EMPREGO: EXPECTATIVAS E REALIDADES ENFRENTADAS PELOS JOVENS BRASILEIROS

Caroline Pasa

Universidade Federal da Fronteira Sul
Bolsista do Carrefour Programa de Bolsas
carolpasa17@hotmail.com

Gérson Wasen Fraga

Universidade Federal da Fronteira Sul
gwfraga@uffs.edu.br

Eixo 07. Ciências Humanas

RESUMO

Considerando as atuais discussões sobre o mercado de trabalho no Brasil, é possível observar uma enorme discrepância entre o que a sociedade em geral anseia sobre um jovem que ingressa no mercado de trabalho e a realidade enfrentada pelo sujeito. Objetiva-se colaborar com a reflexão em torno das expectativas, muitas vezes impostas, sobre o jovem ingressante no mercado de trabalho e a realidade encontrada no Brasil nos dias de hoje. Para tanto, a natureza científica da pesquisa será exploratória, com ênfase na abordagem qualitativa. A etapa que envolve a pesquisa será bibliográfica. Desse modo, observa-se que a realidade de muitos jovens ao começar sua vida profissional é frustrante, visto que existem altas expectativas em torno do assunto. Dessa forma, passamos a rever o lugar que o trabalho tem na vida das pessoas.

Palavras-chave: Jovens. Trabalho. Brasil. Primeiro Emprego.

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo colaborar com a reflexão em torno das expectativas, muitas vezes impostas, sobre o jovem ingressante no mercado de trabalho e a realidade encontrada no Brasil nos dias de hoje. Apresentaremos aqui o ponto de vista de estudiosas e estudiosos da temática do trabalho que discorrem sobre a insegurança social e como o trabalho é/era visto como fonte de riqueza e bem-estar, tornando-se a relação social fundamental, complementado pela reflexão proposta por Zigmunt Bauman (2000) na obra “Modernidade Líquida”, que apresenta o futuro como “líquido” no sentido de ser incapaz de manter a sua forma, por isso, incerto.

MATERIAIS E MÉTODOS

Quanto à natureza científica da pesquisa, esta será exploratória, com ênfase na abordagem qualitativa. A etapa que envolve a pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de leituras em materiais impressos e online que contemplem a temática retratando o material disponível. A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (BOCCATO 2006, p. 266). Quanto à abordagem, a opção por trabalhar com pesquisa qualitativa diz respeito à prioridade sobre a composição do texto a partir de obras clássicas e publicações recentes, onde o diálogo entre ambas possibilita produções de novas reflexões sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho, em suas diferentes formas, é uma atividade realizada pela maioria das pessoas e, desde cedo, somos questionados sobre “o que você quer ser quando crescer?” Segundo Bauman (2000) O “trabalho” assim compreendido era a atividade em que se supunha que a humanidade como um todo estava envolvida por seu destino e natureza, e não por escolha, ao fazer história. O “trabalho” assim definido era um esforço coletivo de que cada membro da espécie humana tinha que participar. O trabalho e as suas diversas execuções têm-se modificado com o passar dos anos se tornando essencial na vida das pessoas.

Com o advento da modernidade, o trabalho se torna símbolo da vitória da racionalidade e da liberdade: liberdade de empreender, liberdade de vender sua força física, liberdade de produzir riquezas. Teoricamente falando, porque a realidade revela-se rapidamente diferente. É nessa época, contudo, que a sociedade começa a se estruturar em torno do trabalho: ele é fonte de riqueza e de bem-estar e se torna a relação social fundamental. (WAUTIER, 2012 p. 152)

O “tipo de trabalho” que exercemos nos coloca em uma determinada posição perante a sociedade, posição essa que define o maior ou menor acesso ao atendimento das necessidades tidas como básicas. Como confirma Wautier, o trabalho como criador de riquezas, de desenvolvimento, já tinha uma longa história que, desde o início mostrou-se excludente pelo tipo de produção engendrada desde a época colonial e pela forma como foi conduzida esta

produção. Isto revela uma concepção arcaica do trabalho concretizada numa relação de exploração de uma mão de obra que, até hoje, em casos extremos, luta para sair dos padrões escravistas (WAUTIER, 2012).

O primeiro emprego tende a ser um medidor na vida das pessoas. Hoje, existem programas como o “Jovem Aprendiz” que dá a oportunidade de atuar em cargos que não exigem experiência; aqueles que ingressem na academia e atuam em estágios remunerados; aquelas que concluem um curso superior e que almejam trabalhar em sua área de formação, entre outros tantos casos. Ainda, a comparação entre jovens que cursaram o ensino médio juntos e chegaram em outros lugares profissionais pode ser motivo de frustração e sensação de incompetência, não considerando o contexto da situação de como a pessoa “chegou lá”.

3. A insegurança enfrentada pelo jovem em seu primeiro emprego

Os questionamentos e pressões em torno da dúvida sobre “o que ser quando crescer” começam desde cedo, o que nos causa dúvidas e inseguranças sobre o futuro, que pode ser tanto a insegurança social como a insegurança civil (CASTEL2005). O trabalho e sua ausência são objeto de insatisfação, de questionamentos e de aspirações não alcançadas: há uma demanda de autonomia e de verdadeira responsabilização no trabalho, uma aspiração para mais justiça e para uma melhor repartição do trabalho (e não apenas de seus frutos), uma demanda de realização e de reconhecimento individual e social (WAUTIER, 2012). O sonho do primeiro emprego pode se tornar um pesadelo, principalmente quando o jovem conclui uma graduação e espera ingressar na sua área de formação. Na maratona de entrega de currículos, quando se consegue uma entrevista, a ansiedade na falta de um retorno, o passar do tempo e a diminuição das expectativas são fatores que podem trazer sensação de incompetência e desilusão, acarretando ou agravando sofrimentos psíquicos. De acordo com Flori (2004), a taxa de desemprego juvenil e jovem-adulto tem sido mais alta que a de adultos e idosos em todo o mundo. Mesmo em períodos de crescimento econômico e queda dos níveis de desemprego global, o desemprego juvenil não diminui, pelo menos na mesma proporção, sendo também comum a sua expansão nestes períodos. Autores como Silva (2001), relatam a preferência, por parte dos empresários, por trabalhadores adultos, que somam experiência e hábitos de trabalho mais sedimentados, o que seria mais um obstáculo para o jovem, principalmente para a obtenção do primeiro emprego. Dentre tantos obstáculos, o que se vê nos dias atuais é um alto índice de jovens desempregados atuando de maneira informal ou na modalidade MEI. Para Flori (2004), um dos argumentos é que a causa do alto desemprego juvenil está na dificuldade do jovem em conseguir o primeiro emprego. Outro argumento

aponta um sistema de educação inadequado frente as exigências do mercado de trabalho e à incapacidade de os jovens permanecerem na escola. Constatou-se que o jovem entra e sai de um emprego em um curto período de tempo. Assim, em relação a adultos e idosos, a duração no emprego é que é baixa, e não a duração no desemprego que é alta. A dificuldade está, pois, em permanecer no emprego por um período de tempo mais longo, e não em encontrar o emprego, seja ele o primeiro ou não. Isso faz sentido, uma vez que o jovem está começando a trabalhar e é longo o tempo de busca de uma inserção estável no mercado de trabalho. Portanto, o jovem que já esteve empregado anteriormente responde, em grande parte, pela magnitude dessa taxa de desemprego, e não o que nunca trabalhou e está em busca do seu primeiro emprego (FLORI, 2004). Diante do atual cenário, observa-se que ter um trabalho, principalmente de acordo com suas qualificações nos dias atuais é, em grande parte, para obter recursos financeiros para arcar com os custos da vida. Hoje o trabalho não representa mais uma etapa da vida na qual se ingressa para adquirir identidade e reconhecimento social, mas, um processo cheio de incertezas, de dúvidas individuais e coletivas. O trabalho pode muitas vezes gerar sofrimento, individualismo, discriminação e exclusão (WAUTIER, 2012) e, talvez por isso, a importância que recebe atualmente tenha mudado – o velho ditado que diz que “o trabalho enobrece o homem” hoje não é mais ouvido com tanta frequência, e isso nos faz questionar o porquê. Para Bauman (2000) poucas pessoas apenas – e mesmo assim raramente – podem reivindicar privilégio, prestígio ou honra pela importância e benefício comum gerados pelo trabalho que realizam. Raramente se espera que o trabalho “enobreça” os que o fazem, tornando-os “seres humanos melhores” e, mais raramente ainda, admirado e elogiado por isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática trabalho é abrangente e envolve diversas modalidades de estudo. A sua história nos mostra que a percepção que a humanidade tem sobre o trabalho foi se modificando com o passar do tempo. Ter um emprego não é mais considerado como algo enobrecedor e, por muitas vezes, se limita a uma obrigação para dar conta de custear a vida, significando isso para quem o executa. Podemos considerar um privilégio ter um vínculo empregatício no Brasil e ainda mais ter um trabalho que tenha significado existencial para o sujeito. Pensar no primeiro emprego pode ser motivo de empolgação, visualização de futuro, com metas e objetivos traçados. Já para outros, pode ser o motivo de suas ansiedades e inseguranças. Mas, quando, de fato, os planos são colocados em prática e os currículos começam a ser

distribuídos o que se percebe é que a realidade pode ser cruel e, para muitos, injusta. O primeiro emprego, considerando as pessoas que tiveram o privilégio de concluir um curso de ensino superior, muitas vezes é uma experiência traumática no sentido de não conseguir alcançar as metas que foram planejadas, pôr em prática o que se aprendeu durante os cursos de qualificações profissionais ou ter a valorização profissional esperada. Como refletimos a partir de Bauman (2000), a única certeza que podemos ter é a incerteza de planejar um futuro quando não se tem uma empresa para herdar ou qualquer outro “negócio de família” para assumir. Seguindo a reflexão proposta pelo autor, atualmente vivemos em uma sociedade em que tudo se transforma muito rápido, as relações de uma forma geral são instáveis e voláteis como a água. Se antigamente tinha-se o ideal estudar, casar e ter filhos, atualmente as aspirações dos jovens mudaram e, o que era o ideal dos pais, pode não ser o mesmo para um filho(a). O “mundo líquido” não permite fazer planos a longo prazo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 259 p.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- CASTEL, R. A insegurança social: o que é ser protegido? Petrópolis: Vozes, 2005.
- FLORI, P. M. Desemprego de Jovens no Brasil. In: I CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1., 2004, Caxambu. Desemprego de Jovens no Brasil. Caxambu: Alap, 2004. p. 1-17. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180426051932id_/http://www.alapop.org/alap/images/PDF/A LAP2004_296.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.
- GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 07 dez. 2022.
- GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todose3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- SILVA, N. D. V. (2001). Jovens brasileiros: o conflito entre estudo e trabalho e a crise de desemprego, Piracicaba. 131 p. Tese (Doutorado) ESALQ/USP.
- WAUTIER, A. M. O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. Revista de Ciências Sociais, [s. l], v. 2, p. 149-173, dez. 2012.